



A MENINA DA FOTO, A DOR E OS ENSINAMENTOS DE PAZ

(DOS HORRORES DA GUERRA AO CAMINHO DA PAZ)

A icônica foto da *napalm girl*, que se converteu num símbolo dos horrores da Guerra do Vietnã, completou 50 anos em 8 de junho de 1972. A imagem captada pelo fotojornalista Nick Ut Cong Huynh mostra uma menina nua, correndo e com o rosto aterrorizado após aviões *Skyraider*, do exército sul-vietnamita, lançarem napalm (um gel pegajoso e incendiário que causa queimaduras graves) sobre o povoado de Trang Bang, matando centenas de moradores. A foto, intitulada oficialmente como *O Terror da Guerra*, representa o drama causado pela violência indiscriminada de um conflito que levou à morte mais de um milhão de civis.

Phan Thi Kim Phúc tinha nove anos de idade quando foi fotografada tentando fugir da aldeia com outras crianças. Sofreu queimaduras em parte do corpo e somente não morreu porque foi socorrida de imediato pelo próprio fotógrafo da *Associated Press* (AP), que precisou viajar mais de duas horas de carro até chegar a um serviço hospitalar em Cu Chi, já que o mais próximo não teve condições de oferecer o atendimento necessário. Mesmo assim, Nick Ut teve de convencer os profissionais a prestar socorro, exibindo o seu crachá de correspondente de guerra e ameaçando usar as fotos para “denunciar ao mundo” a omissão.

Meio século depois, embora marcada pela tragédia, Kim sorri para a vida. Ela vive em Toronto, no Canadá, onde recebeu asilo em 1992 e constituiu a própria família, e fez de suas lembranças amargas uma fonte de esperan-

ça para outras pessoas. Em 1997, ela foi nomeada embaixadora da Boa Vontade das Nações Unidas. Ainda criou a *Kim Foundation International*, para ajudar crianças vítimas de guerra, e passou a viajar pelo mundo para contar, em primeira pessoa, suas experiências e para falar sobre a importância do perdão.

Em outubro de 2017, Phan Thi Kim Phúc, também conhecida como Kim Phúc, lançou o livro com título em inglês *Fire Road: The Napalm Girl's Journey Through the Horrors of War to Faith, Forgiveness, and Peace* (No Brasil: *A menina da foto. Minhas memórias: dos horrores da guerra ao caminho da paz*). A obra veio em reforço ao trabalho de Kim, que se declara não mais ser uma vítima da guerra: “Sou grata agora. Sou uma sobrevivente e tenho a oportunidade de trabalhar pela paz”.

A IMAGEM E A MENSAGEM

Kim e o fotógrafo mantiveram-se próximos ao longo desta jornada, embora morando em países diferentes. Ela o chama de “Tio Ut” e o tem como seu herói: “Acho que devo muito a ele nesta vida. É parte da minha família”. O fotógrafo retribuiu dizendo que a considera como uma filha. Em maio deste ano, os dois estiveram juntos numa visita ao Papa Francisco, quando o presentearam com cópia da icônica fotografia, com a qual Nick Ut ganhou os prêmios *World Press Photo* (1972) e o *Pulitzer de Reportagem Fotográfica* (1973).

Há poucas semanas, Kim Phúc foi submetida ao 12º procedimento e o último de seu tratamento. Foi em uma clínica especializada localizada no sul da Flórida, nos Estados Unidos, e visou tratar as cicatrizes e amenizar a dor que ela ainda sentia décadas após a explosão. A primeira hospitalização, ainda em seu país, perdurou por 14 meses, primeiro em Cu Chi, depois em Saigon, e por fim num serviço especializado de queimados. À época, como confidenciou em recente entrevista, não gostou nada da foto feita por Nick: “Ficava tão envergonhada. Por que eu tinha uma foto assim? Eu não queria ver. Com o tempo, percebi que essa foto era um presente poderoso para mim. Eu posso usá-la para trabalhar em nome da paz. Agora, posso olhar para trás e abraçar esta imagem. Sou muito grata por Ut ter captado aquele momento histórico e registrado o horror da guerra. Imagens como essas podem mudar o mundo”.

Nick Ut, que tem 71 anos e mora em Los Angeles (EUA), está aposentado, mas entende que o trabalho de fotógrafo de guerra é algo vital: “Documentar as atrocidades, hoje, é tão importante quanto era no Vietnã. Agora, há muitas imagens do que está acontecendo no mundo. Elas têm o poder de contar a verdade”. Nascido em território vietnamita, ele tinha 14 anos quando começou a trabalhar com fotografia, estimulado pelo irmão, que era contratado da AP. Após a morte do irmão, tinha 16 anos quando foi



QUASE NÃO SAIU

A imagem que correu o mundo chegou a ser rejeitada num primeiro momento pela AP, por causa da nudez da menina. O editor-chefe de fotografia da agência, no Vietnã, Horst Fass, decidiu bancar a sua transmissão e ela foi reproduzida por jornais de todos os continentes. Há poucos anos, a rede social Facebook chegou a proibir a imagem, por apresentar nudez, decisão reconsiderada.

contratado pela AP para cobrir a Guerra do Vietnã. Depois do conflito, mudou-se para os Estados Unidos, onde obteve cidadania e registrou outros eventos históricos. Ainda trabalhou no Japão e fez cobertura de alguns conflitos entre as Coreias.

Nascida em abril de 1963, Kim é casada desde 1992 com Bui Huy Toan e tem dois filhos: Stephen Bui e Thomas Bui. Os pais dela não faleceram na explosão no povoado em que moravam, mas ela perdeu naquela ocasião uma tia e dois primos, um de nove meses e outro de três anos. **1**



O LIVRO

A autobiografia de Kim foi lançada em 2018 no Brasil, em sua versão em português (*A menina da foto – Minhas memórias: Do horror da guerra ao caminho da paz*; Editora Mundo Cristão). A autora aborda detalhes de sua história, a começar pela inocente infância pelas formosas terras do Vietnã do Sul, passando pela devastação da guerra e a opressão imposta pelo regime comunista. Fala do antes e depois da imagem que correu o mundo e das dores físicas que enfrentou ao longo da vida por causa das cicatrizes impostas pelas queimaduras pela bomba de napalm, produto químico que adere à pele humana e queima a mais de 2.700 graus.

Kim relata sobre a juventude vivida em Cuba, para onde foi enviada pelo governo comunista para estudar, e como foi usada como instrumento de propaganda política, optando por desertar e seguir para o Canadá, onde pediu asilo e experimentou a tão sonhada liberdade. No livro, ela compartilha os traumas, os medos, as lutas e os complexos que vivenciou em diferentes fases de sua caminhada. Também expõe o segredo que a fez superar a desesperança, a tristeza e a dor que afligiam a sua alma: a sua fé cristã.